

# Augusto Comte, a obra vivida

Patrick Tacussel\*

## RESUMO

A vida pessoal de Comte, suas tumultuadas relações femininas, as vicissitudes de ordem profissional, bem como as preferências por determinados pensadores que interferiram no destino da humanidade explicam o pensamento positivista do autor. Todo esse processo complexo é analisado especialmente na obra *Calendário Positivista*, essencial para a compreensão de sua produção teórica. Palavras-chave: Comte; positivismo; *Calendário Positivista*.

## SUMMARY

*Comte's positivist thought can be explained by his personal life, his troubled relationships with women, his professional problems, as well as his preferences for some particular authors who have affected mankind's fate. This whole complex process is specially analyzed in his work Positivist Calendar, which is fundamental for the understanding of his theoretical production. Keywords: Comte; positivism; Positivist Calendar.*

## RESUMEN

*La vida personal de Comte, sus tumultuadas relaciones femeninas y las vicisitudes de orden profesional, así como sus preferencias por determinados pensadores que actuaron sobre el destino de la humanidad, explican el pensamiento positivista del autor. Todo ese proceso complejo es analizado especialmente en la obra Calendario Positivista, que es esencial para la comprensión de su producción teórica. Palabras-clave: Comte; positivismo; Calendario Positivista.*

Percorrendo livremente os textos de Augusto Comte poderíamos tanto encontrar um panfletário perspicaz ou imaginativo em busca de soluções generosas para problemas de seu tempo, quanto cruzar com o paladino de uma sinarquia que une os técnicos e os líderes da indústria, ou deslumbrar a estrela polar de uma constelação romântica francesa. Desses perfis, nenhum é capaz de conquistar a adesão do leitor. Os relevos do sistema recortam com clareza as linhas de um quadro coerente de idéias, mas o tom tende para o contraste no interior de um concerto de sombras alimentado por paixões, inquietude, melancolia. Os tormentos da existência explicam o arrojo de uma inteligência e de uma necessidade de ordem que ainda hoje traçam o caminho em sua obra.

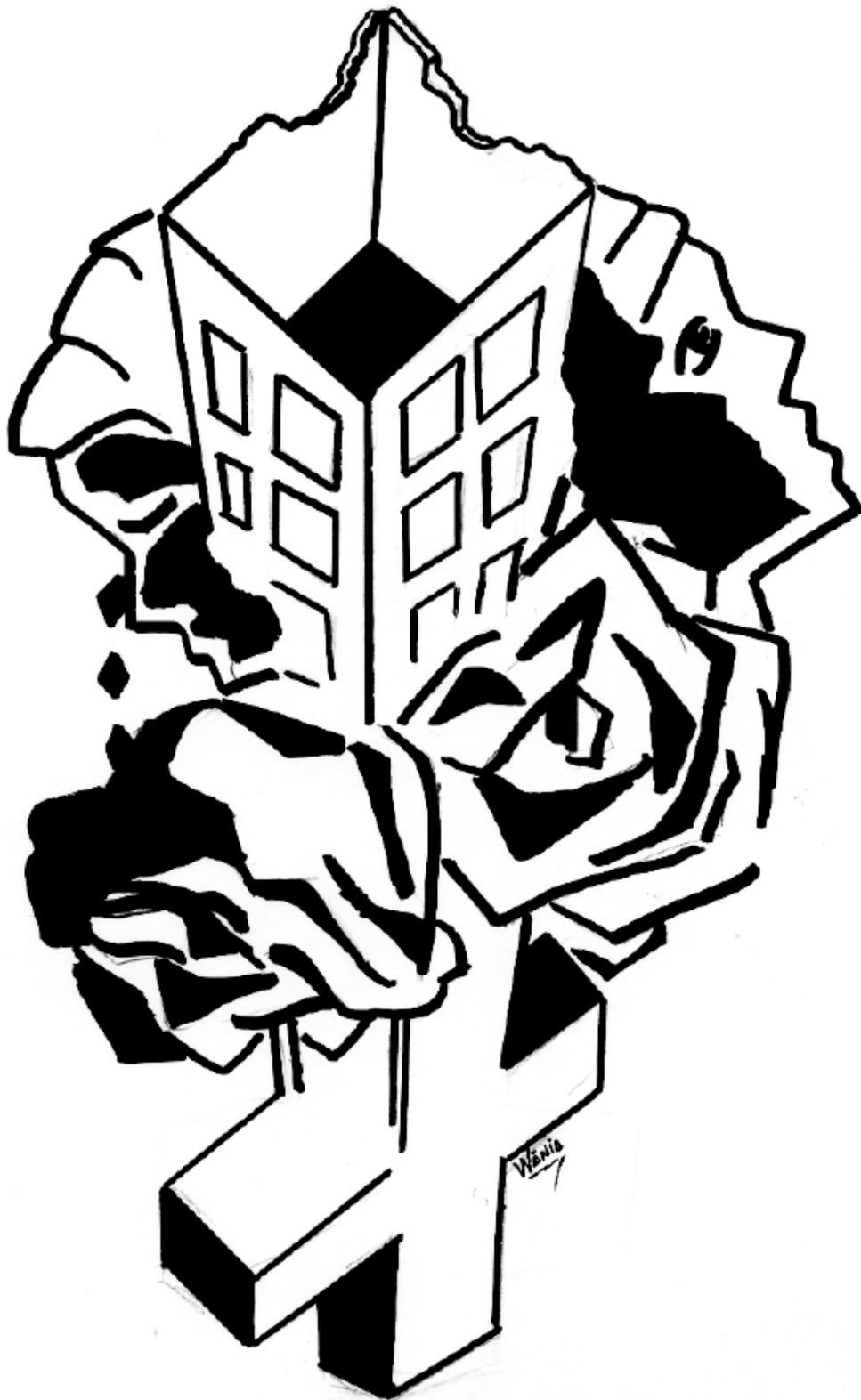
O positivismo permaneceria, sem dúvida, incompreensível se a passagem da filosofia para a religião não desse a essa conversão ao espiritual sua verdadeira envergadura, no caso, social. É importante conhecer um pouco do homem e estender a esfera de sua presença para ver como tal exigência de razão e de ambição enciclopédica se articula a instintos imperiosos, em virtude dos quais os indivíduos regulam suas aptidões recíprocas para viver em sociedade. A preocupação biográfica acaba por esclarecer o lado noturno da alma que mais brilho dá à doutrina; esta comanda a interpretação que o próprio autor ofereceu dos dramas de sua vida e fixa sua conduta em uma fantasmagoria única no gênero. Além disso ela convida a refletir quanto à po-

sição marginal dos reformadores na metade do século XIX. Ao escolher por adágio *vivre au grand jour*, Comte exprime o desejo de ligar o mundo vivido social e os acontecimentos do domínio privado. A esta maneira de se representar a relação do homem com o mundo soma-se um interesse novo: a recepção da ruptura então inaugurada por seus trabalhos.

Nascido em 19 de janeiro de 1798 em Montpellier, Isidore Comte optou, em 1817, por ser chamado pelo seu segundo nome: Augusto. Seu pai, caixa na receita geral do Departamento de Hérault, e sua mãe, Rosalie Boyer, oriunda de uma família de médicos, eram católicos e legitimistas. Ele nunca foi ligado a seu pai, um modesto e consciencioso funcionário que a ele sobreviveu, nem a seu irmão e irmã, mas a mãe foi publicamente homenageada por sua gratidão e amor. Desde que entrou no ginásio de Montpellier com nove anos, o menino suscita a admiração de colegas e acumula prêmios, dentre os quais o de eloquência, em 1813. A precoce agilidade de espírito fez com que fosse notado pelo pastor Daniel Encontre, filósofo e matemático, um professor influente nesses anos de formação. Nesse período, deixa de acreditar em Deus; mais tarde, no prefácio do *Catecismo positivista*, afirmará que os habitantes do sudoeste da Europa permanecem menos permeáveis às “leituras negativas”, à metafísica protestante ou deísta, aos sofismas constitucionais, “ao deplorável exercício do sufrágio universal” e “das maquinações parlamentares”. Deste ponto de vis-

LOGOS

---



ta, a estima que por ele terá Charles Mauras é justificada. O projeto de restabelecer a autonomia administrativa da província, a instituição das intenções, compostas por cinco departamentos, a diminuição gradual da centralização exagerada constituem da mesma forma alguns dos princípios caros ao teórico da *Action Française*.

Em 1814, entra para a Escola Politécnica, onde confirma interesses muito afastados da disciplina em vigor no estabelecimento. O estilo satírico que alimenta seu comportamento é admirado por seus companheiros. Entretanto, aos olhos da direção da instituição, ele é faccioso e radical. Ele já detesta Robespierre e venera Danton; em seu leito de morte, pedirá a seus amigos para reabilitar a memória desse último.

A Escola Politécnica é, então, um centro de agitação republicana e bonapartista; logo ela se abrirá às utopias socialistas. Os seguidores de Saint-Simon, e depois os de Fourier, vão recrutar, em suas fileiras, adeptos cheios de otimismo. Ela deve "alimentar as gerações futuras" na fórmula de Enfantin. Até a Comuna de Paris, os alunos e os egressos da Escola Politécnica vão fornecer uma coorte de combatentes para as barricadas parisienses nas revoluções de 1830 e 1848. Vale a pena lembrar que durante o cerco de Paris, um grupo de trabalhadores manuais fundou o Círculo dos Proletários Positivistas. Em abril de 1816, a Escola Politécnica é fechada e os internos suspensos. Alguns meses antes, o jovem Comte fora expulso por ter ridicularizado um professor desrespeitoso e redigido contra este, alguém chamado Lefebvre, uma petição. Julgando que suas possibilidades de sucesso estavam comprometidas, Comte não se apresenta no ano seguinte para o concurso ao serviço público. Em seu testamento, ele proibirá que qualquer membro da Escola Politécnica assista a seu funeral.

Apesar de o positivismo fazer prevalecer a ordem face ao movimento, seu inventor não demonstra um temperamento que seria qualificado, hoje, de reacionário. Antimilitarista declarado, foi condenado a três dias de prisão por ter se recusado a servir na Guarda Nacional. Toma o partido dos

operários em 1848 e denuncia os "carrascos de junho", isto é, os generais responsáveis pela repressão. O primeiro ato da ditadura republicana, em que ele fixa o programa, é abolir o exército. Em 1835, fica solidário com os acusados no processo de abril e mais tarde, em 1845, apóia Barbès e Blanqui, que haviam sido presos. Tudo isso não surpreende muito, visto que o "Sistema de política positiva" quer promover uma república social, e não política, depois de uma completa liberdade de exposição e de discussão. Esta fase será o crepúsculo da "vã dominação dos boquirrotos sedutores" e favorecerá "a propagação direta das meditações regeneradoras". Ao contrário de Charles Fourier, sonha em, dessa forma, eliminar os jornalistas, os acadêmicos e os jornais para substituí-los pela "imprensa das ruas", com cartazes afixados nas paredes onde se anunciam as notícias e se expõem opiniões.

Na perspectiva da República Ocidental, a França deve prover-se de um "governo preparatório" exercido por um triunvirato de proletários que dará lugar, em seguida, ao "patriciado industrial", cujos eleitos terão, previamente, completado sua educação social "sob a justa pressão de alguns proletários eminentes". De diferentes maneiras, o princípio fundamental do comunismo é, de acordo com Augusto Comte, absorvido pelo positivismo. Ao empirismo revolucionário, insuficiente e subversivo, a sã doutrina sociológica prefere a introdução dos meios morais. Cabe ao "proletariado contemplativo" concluir essa necessária empresa de regeneração da sociedade. O autor do *Discurso sobre o espírito positivo* parece ver em cada proletário um filósofo espontâneo e, atrás de qualquer filósofo, um proletário sistemático. Ele desenvolverá esse programa em 24 de fevereiro de 1847 diante de uma assembleia dos comunistas parisienses. "O irresistível apoio das mulheres" vem, além disso, consolidar tal nova força coletiva "estranha a qualquer pretensão doutoral" e, desse modo, capaz de impor as condições enciclopédicas indispensáveis que são próprias dos que decidem. Esta "santa coalizão social" tem por objetivo "morali-

zar a potência material" que continua a submeter o mundo real. Comte observa que desde o fim da Idade Média a intervenção do "sexo afetivo" conteve secretamente as tempestades morais características da alienação mental, segundo suas próprias palavras, particularmente no Ocidente, e sobretudo na França. O ascendente do romantismo é incontestável. O autor assegura, no *Catecismo positivista*, que a preponderância do sentimento preserva a sociedade europeia de uma grave e geral dissolução. Ele escreve: "não vejo, em toda a parte, senão as mulheres que, conforme sua salutar exclusão política, possam me oferecer um ponto de apoio suficiente para fazer livremente prevalecer os princípios segundo os quais os proletários acabarão, por fim, capazes de bem postular sua confiança teórica e prática". Seus dessabores conjugais não atrapalharão em nada a determinação de encontrar "a angélica interlocutora", a eminente natureza associada para sempre ao triunfo de suas convicções. Clotilde de Vaux vai desempenhar esse papel, mesmo depois de seu desaparecimento prematuro.

A mulher é convocada para uma elevada missão no positivismo, como no saint-simonismo. Nas duas filosofias, trata-se de uma "feminilidade sacerdotal", ponto capital da resistência incontinente a uma corrosão da sensibilidade engendrada pela mecanização do trabalho, pelo nivelamento dos valores, pela idolatria do dinheiro e da mercadoria. Este argumento está destinado a fazer sucesso: Marx e Engels o tomam emprestado no *Manifesto do Partido Comunista* (1847); Georg Simmel (1858-1918) consagra à questão vários artigos. Comte preocupa-se com uma demonstração similar àquela dos dois redatores do *Manifesto*: com a mesma radicalidade, liga "a incorporação social do proletariado à digna liberação da mulher". Quanto à citação que se segue, poder-se-ia crê-la extraída do programa da Primeira Internacional: "Sem essa universal emancipação, complemento necessário da abolição da servidão, a família proletária não poderia verdadeiramente se constituir, porque a existência feminina aí permanece habi-

tualmente abandonada a uma horrível alternativa entre a miséria e a prostituição". As convergências entre o positivismo e o socialismo "científico" são mais freqüentes do que se imagina. Augusto Comte analisa a ação decisiva da burguesia na turbulência que dá cabo do antigo regime teológico e militar e ele constata, desde então, que o proletariado ocidental cultivava irresistíveis pretensões quanto à sua integração na ordem moderna.

No *Apelo aos conservadores* (1855), ele vai mostrar-se igualmente audacioso ao se pronunciar sem reservas pela restituição da Argélia aos árabes e por um processo de descolonização mais abrangente, que incluiria a Córsega.

O "batalhão feminino" ocupa posição essencial na biografia de Comte. A mãe Rosalie, morta em março de 1837; Caroline Massin, que conheceu em 3/5/1821, com quem se casará em Paris em 19/2/1826; Clotilde de Vaux, que morreu de tuberculose em 5/4/1846; e Sophie, a fiel criada que ele adotou legalmente. Na *Addition secrète* a seu testamento, Comte fala de seu infortúnio conjugal: Caroline, filha natural de uma operária têxtil, era o que se chamaria hoje de "uma garota de programa", inscrita desde os 17 anos no registro de prostituição da Chefatura de Polícia. Esse retrato, no entanto, contradiz a apresentação que ele faz da jovem em uma carta a seu amigo Vallat: elogia sua graça, seu bom coração, sua amabilidade, seus bons hábitos, seu espírito etc. É provável que o infeliz filósofo tenha posteriormente sombreado este quadro. Caroline assistia aos cursos positivistas e às sessões na Académie des Sciences e comentava as idéias de seu marido. Em 1852, ela encontrará em Littré um advogado resolvido a fazer reconhecer seus direitos; este último não hesita em ajudá-la quando ela questionou, sem sucesso, na justiça, o testamento do teórico defunto.

Comte saiu muito abatido do naufrágio de seu casamento com Caroline Massin. Profundamente abalado pelas fugas de sua mulher, será internado em abril de 1826 na clínica do Dr. Esquirol. Sua lucidez mental não parecia ter diminuído. Ele expli-

ca à Blainville sua doença e o tratamento que espera fazer. Apesar do diagnóstico de Esquirol, que o considera incurável, ele tem alta de 2/12/1826 graças à insistência da mãe. Esta, convencida de que ele estava sendo punido por pecado, organiza, rapidamente, seu casamento religioso. Prisioneiro das circunstâncias, Comte parodia o sermão do vigário e assina a certidão como: Brutus-Bonaparte Comte. Os adversários do positivismo, os herdeiros mais mornos, os comentadores universitários desejosos de defender a "respeitabilidade" da Sociologia viram nesta situação grotesca o sintoma indubitável de sua loucura crescente.

Basta, no entanto, consultar a resenha crítica do tratado de Brussels sobre "a irritação e a loucura" que publica em agosto de 1828, no *Le Journal de Paris*, para constatar que Comte fez um exame muito lúcido da doença mental, baseando-se em sua dolorosa experiência. Esta crise foi interpretada por ele como uma espécie de regressão ao estado metafísico e depois para o estado teológico e mesmo fetichista antes de uma ascensão ao estado positivo. A apreciação que propõe a partir de seu caso clínico é perspicaz e não parece estar em contradição flagrante com os dados psiquiátricos contemporâneos traduzidos no vocabulário de seus praticantes.

As seqüências da vida de Augusto Comte e, através dela, a forma de sua odisséia intelectual, forçam a aproximação com a existência dos outros arquitetos do pensamento social do século XIX. Podemos pensar em Saint-Simon, de quem ele foi secretário antes de se integrar às "seduções passageiras do prestidigitador superficial e depravado", em Pierre Leroux, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon... Em sua vizinhança, ele observa como os modernos se inclinam à veneração e de que maneira ela persiste no ambiente das grandes transgressões revolucionárias. Afirma que uma "secreta impulsão social" – como a "velha topeira" enterrada de Marx – está prestes a produzir irreversíveis modificações. Ela caracteriza esta "transição negativa" e fragiliza a dominação das classes heterogêneas e efêmeras. Finalmen-

te, ele luta pela universalidade de seu ensino, que postula o desenvolvimento de um homem novo, genérico, possuidor de uma visão coerente de seu devir histórico.

Para atingir esse grau supremo do aperfeiçoamento da espécie humana, Comte anuncia um *Traité de l'éducation universelle* que jamais será publicado. O calcanhar de Aquiles da crítica marxiana aparece em definitivo como um escudo para a suma positivista: tratamos de uma especulação filosófica que se reivindica ciências objetivas, se a atacamos como crença de feitura recente e, por outro lado, de uma visão do mundo metamorfoseada em fé dogmática e deste modo protegida da revisão e da reputação, inseparáveis da aventura científica. As duas faces são complementares, esculpidas em um estilo inimitável em que se percebe, sob uma poesia sóbria, "a admirável inspiração estética que converte um simples retrato em um quadro profundo". A intenção didática é uma preocupação constante de Augusto Comte, que procura atingir o grande público, especialmente pela sua *Association polytechnique d'instruction populaire* e seu *Cours d'astronomie*, lançados em dezembro de 1830.

O prefácio do *Catecismo positivista* insiste nas qualidades de expressão que convêm à "arte de comunicar", na beleza simples do diálogo e na alquimia de concepções maduras o bastante para abrir o caminho dos sentimentos. As palavras e as frases devem evitar fomentar as consciências de uma instrução desigual: "é preciso, pois, considerar o estado próprio do ouvinte e prever as modificações que tal exposição suscitará em sua marcha espontânea." O simples discurso lógico parecerá sempre inferior às combinações poéticas que, por sua moldagem artística, aproximam a linguagem artificial da linguagem natural. A autêntica comunicação tira seu calor nativo da efusão liberada na exposição. Comte pensa que "a concisão do discurso" e "a observação das imagens", a substituição da prosa pelos versos serão um dia capazes de melhorar a transmissão da sabedoria prática, das sãs indicações teóricas, enfim, de sair

de um modo grosseiro de apresentação que favorece em muito a eficácia das leituras recomendadas. Estamos longe, vamos admitir, do cientificismo ou do racionalismo pobre, ao qual os historiadores das ciências sociais, por vezes açodadamente, prenderam o construtor da *Synthèse subjective*.

A personalidade e a trajetória de Augusto Comte comportam numerosos aspectos que coincidem com a definição de *literateur sans attaches* desenvolvida por Karl Mannheim. A noção de *intelligentsia sans attaches* é bem apropriada para entender o contexto de fermentação cultural do “professor ambulante”, cuja situação material nunca deixou de ser precária.

A *intelligentsia sans attaches* designa os pensadores sociais, cuja autoridade é primeiramente espiritual, e postula alargar no plano moral e político os resultados do empreendimento de intenção científica ou literária. Este tipo de audácia mantém a febre criadora, enquanto que a fama de seus polígrafos repousa quase que somente sobre a confiança, muitas vezes o fervor, que suas idéias suscitam junto aos ouvintes logo transformados em partidários incondicionais. Esse gênio singular acaba consagrado fora dos meios institucionais da produção, da circulação e da legitimação de conhecimentos (as academias, as universidades etc.). A “conspiração do silêncio” - a expressão é de Comte -, reunindo contra ele a “pedantocracia algébrica” e os servidores do conformismo cultural, reforça sua posição que, por um irônico paradoxo, escapa definitivamente ao controle crítico julgando as reputações do momento. Os fiéis, por vezes, em caso de necessidade o sustentam.

Na verdade, a excentricidade quase sempre involuntária do *littérateur sans attaches* o coloca diante de uma liberdade sem freios nas suas inspirações e análises. Nenhuma instância de avaliação é habilitada a fazer uma perícia dos seus trabalhos; por outro lado, o reformador da humanidade espera ser laureado por uma comunidade menos restrita, a dos inimigos de ceticismo estéril. A tese de Karl Mannheim resume a condição desta categoria de pensadores:

um modo de transmissão de idéias que inclui as emoções tanto quanto a razão, o meio onde exerce sua influência a partir de um nódulo solidamente constituído (escola sectária, círculo de simpatizantes, correligionários...), enfim uma facilidade para “mudar a ótica histórica” (J. Gabel). Seguindo esta definição, podemos nos interrogar sobre o valor muito circunstancial do *intellectuel attaché*. Relembramos que defensores da seriedade que criaram obstáculos a Comte e Fourier caíram num esquecimento confortável e definitivo.

As teorias do *intellectuel sans attaches* surgiram do “vazio” das ideologias dominantes em consequência da descentralização, da distância absoluta diante das pressões sócio-cêntricas. Elas estão longe, no entanto, de serem eliminadas do viver mais concreto. Em geral elas contêm uma validade projetiva - utópica, reformadora ou revolucionária -, drenando no seu leito os aluviões messiânico, místico e sincrético. Tentar reduzir essas doutrinas a uma tipologia clássica é se condenar antecipadamente à derrota. Um conservador *mesquinho* pode olhar o positivismo pelo ângulo morto de um modelo progressista, seu *alter ego* não tem nenhuma dificuldade de sustentar exatamente o contrário. É estranho, para o não iniciado, que abre a obra sem digerir o espírito do autor, sentir o prazer de uma leitura jamais fechada nela mesma. Com respeito a Augusto Comte, os termos empregados no seu sistema não correspondem à significação usual. Os vocábulos mais importantes são evidentemente tirados da língua corrente e por isso reconhecíveis na sua generalidade, mas a forma que eles adquirem não é mais sincrônica com o sentido até então a eles atribuído. Por exemplo, a noção de sacerdócio, as palavras *ordem* ou *padre* e todos os conceitos articulando a majestade da obra se deslocam em um horizonte semântico simbolizante, logo suscetível de apropriações múltiplas. O ritual positivista, com a sua peça mestra o *Calendário de comemoração pública*, é uma maneira de preencher a inadequação entre o sentido visado e sua necessária realização através de um gesto concreto, uma prática

*d’outré-temps*. O novo ciclo, assim criado, instaura uma repetição no seio de um real alegórico povoado de emblemas e figuras livres de seu enigma e de sua fantasia. Desatualizado em relação à sua época, este gênero de pensamento pode, no entanto, ser objeto de atualizações secundárias fecundas, mesmo se elas continuam *ad aperturam libri* parciais.

O cenário mental que serve de pano de fundo para a filosofia comtista se impõe desde 1822 graças a “uma verdadeira unidade cerebral”. Ele não pretende de maneira nenhuma esta íntima convergência das duas ordens de tendências científicas e políticas, anteriormente opostas. Comte pretende tê-la descoberto depois de uma meditação de oitenta horas: a lei dos três estados (também chamada lei de filiação ou lei de evolução). É o resultado decisivo desta intensa atividade do espírito. A fim de tornar seu processo mais claro, ele confessa que a sua carreira se divide em duas vertentes: a primeira, científica ou filosófica, expõe um sistema geral das concepções humanas governadas pela redução do múltiplo a um; a segunda, a partir de 1851, transporta as aquisições do *Curso de filosofia positiva*, redigido de 1830 a 1842, para o nobre domínio da reorganização social e moral. O objetivo especial de suas pesquisas é de substituir definitivamente as bases sobrenaturais da civilização, “cuja decrepitude é por demais evidente”. Reencontrando a partir de então “uma forte destinação prática”, a existência se move “de acordo com a socialidade superior” e a humanidade engaja o futuro segundo o movimento autônomo de leis emancipadas da tutela das pressões fetichistas, teológicas e metafísicas. As forças do ingovernável cessam de comandar diante da necessidade cotidiana, o jogo das abstrações, o estudo maníaco e infrutífero das causas se apagam diante da compreensão do domínio dos determinismos pelo gênio coletivo.

A ontologia naturalista implícita no positivismo encontra sua superação na *semi-transcendência* dos fenômenos sociais que iluminam o círculo do Grande-Ser e assegura sua conservação, seu aspecto estático intan-

gível. A sociologia consiste em aprofundar a síntese que deve atualmente coordenar as providências moral, intelectual e material em torno do "acordo dos espíritos", providência geral e cimento do consenso societário. Retomando a distinção entre o poder temporal e o poder espiritual, o "estado político da política" leva a termo a mudança das formas de dominação: a primeira passa dos conquistadores armados para os industriais, a segunda emana dos intelectuais e dos filósofos que rejeitaram no passado os representantes das igrejas supersticiosas. Para Augusto Comte, este quadro é o melhor adaptado para conter as tendências egoístas e favorecer a educação das vocações altruístas. "Viver para os outros" recomenda o amigo das mulheres e dos proletários para coroar um sistema cujas linhas mestras acabam de ser brevemente evocadas.

No *Calendário positivista*, temos uma peça arqueológica que testemunha a tomada de consciência da modernidade operando sobre ela mesma um retorno às etapas de seu parto lento. Comte ambiciona agir sobre a continuidade histórica da temporalidade, colocar sua marca pessoal sobre a herança dispersa da alta pirâmide dos progressos da humanidade. Prestando homenagem aos artesãos de sua edificação, ele faz o elogio do positivismo construído na vasta carreira dos séculos. Evidentemente, a intenção pedagógica é patente, o *Calendário* faz a "publicidade" da mesma maneira concebida por Kant, dos nomes de Apolônio de Tiana, de Gerber, de Lope de Vega.

Funciona também como um meio de educação popular ao fixar imutável hierarquia em cada uma das regiões do talento: a poesia antiga, o drama moderno, a filosofia antiga, a ciência moderna etc. Louvando com simetria minuciosa aqueles cuja "contribuição real para a realização da preparação humana" merecem glorificação, o filósofo quer gratificar a vida ativa de uma cultura periódica capaz de vivificar o sentimento de pertencimento ou espírito de grupo. Esta é a razão pela qual ele afastou dessas apoteoses todos os autores "que realmente só destruíram, sem nada

construir, "como Lutero, Calvino ou Rousseau. Augusto Comte lembra, desta maneira, que o crédito intelectual continua insuficiente sem o benefício da moral; sob este princípio, ele confessa, no entanto, abrir uma exceção para Bacon. Todas essas precauções são elementares, elas sancionam a superioridade do espírito orgânico sobre o espírito crítico. A idealização característica do dogma e da moral decorre do são conhecimento da história, "princípio único da regeneração final". Somente uma justa veneração do passado abre a porta para a celebração, ainda, abstrata do futuro.

Várias vezes, o doutrinário insiste na dimensão estética desta grandiosa elaboração, em seu aspecto de iniciação concreta para a consolidação dos costumes próprios da "grande família ocidental". No entanto, como os adeptos de Saint-Simon, ele

aspira à aproximação do Oriente e do Ocidente, à sua comunhão intelectual e moral, "fora de toda teologia e metafísica". Em nome deste universalismo, no *Calendário*, Buda, Confúcio, Maomé figuram no primeiro mês e Moisés é dedicado à teocracia inicial. Na mesma ordem de idéias, o movimento negativo das etapas passadas da civilização não é menosprezado, o que explica a presença de Cromwell. É verdade que o regicida inspirado promete "o reino dos santos" num período em que o menosprezo revolucionário ainda era desculpável. Comte gosta de lembrar: "Tudo é relativo, eis a única coisa absoluta". Entretanto, o fantasma da totalidade está engravado no coração do culto positivista. Este último se dirige às vezes ao Grande-Ser, isto é, à trindade sintética da humanidade (a prioridade, o público e a posteridade), ao Grande Fetiche, à Terra, conside-



rada como organismo vivo capaz de *inervação*, e ao Grande Local, o espaço cósmico.

O inovador adivinha as dificuldades que entram a realização efetiva de um projeto tão excepcional. Não ignorando que a “rotina atual tende sempre a suscitar mudanças viciosas e incoerentes”, ele espera o mínimo possível dos hábitos modernos. É verdade que o ano é calculado a partir de treze meses de quatro semanas, mas cada uma delas começa por uma segunda e termina num domingo. A confecção desse quadro se desenvolveu numa atmosfera de discussão. Quero lembrar que Littré desejava louvar Jesus Cristo; contrário a essa escolha, Comte entronizou São Paulo contra o “pretensão fundador” do catolicismo. Sua visão de história remonta ao nascimento da modernidade ocidental no século XIV, mas a “grande crise decisiva”, inaugurando os novos tempos, ocorre em 1789. Assim, para obter uma data positivista basta subtrair 1788 do milésimo do ano ou adicionar seguindo o mesmo princípio; 1849, data do aparecimento do calendário, é o septuagésimo primeiro ano da Grande Revolução. Dessa maneira, passamos da simples cronologia dos acontecimentos - privados de sua amplitude emocional - a uma *cronosofia* marcando tipos de sociabilidade inesquecíveis e radicalmente distintos.

O culto dos valores sociais proclamados por Comte não é nada mais que a religião natural dos povos, a transfiguração poética do sentimento de continuidade histórica. A necessidade de vivificar a lembrança na vida cotidiana engendra o cuidado moral e protege o sentimento comum contra a utopia subversiva, a anarquia, tudo que procede da “ignorância das leis fundamentais da evolução humana”. Esta é a concepção do filósofo. O panteão positivista não é concebido como sistema fechado, ele tende para um politeísmo de valores compatíveis com a especificidade de cada grupo, e antecipa com isso uma tese clássica de Max Weber. Ao lado de quinhentos nomes da elite fixados no *Calendário*, o pregador da “transmissão final da Grande República

Ocidental” imagina que cada província ou *commune* acabaria por incorporar as celebrações domésticas no seio do culto afirmativo. A *sociolatria* assume aqui a diversidade das mentalidades, ao mesmo tempo que liga costumes dispersos em torno da invariância sagrada da comunidade dos mortos. A distinção comtiana entre teologia e religião é essencial, uma vez que a segunda – diferentemente da primeira – procura fundir a inteligência, o sentimento e a atividade em um regime único, regulando todas as individualidades por sua própria natureza. Através desse meio, “o sacerdote da Humanidade terá assim levado livremente a ser adotada a sua teoria do passado (...), e através disso mesmo ter tomado posse do futuro”, explica a nota preliminar do *Calendário*.

Desde a primeira metade do século XIX, a ideologia do progresso coloca a consciência em uma situação desconfortável. Como eternizar convenientemente a existência pessoal quando a espiral do futuro comanda o sentido da vida em sociedade? Que significado atribuir ao desaparecimento físico e individual dentro do universo das satisfações profanas? O que sobra da nobreza da alma, a partir de então privada da salvação outorgada por decreto celeste? Todas estas questões crescem como as flores do mal no jardim melancólico dos observadores lúcidos da revolução industrial; logo depois, Max Weber vai lhe dar, no seu ensaio sobre *Le métier et la vocation de savant*, um fatal clima pesado que lembra o “Céu baixo e pesado” que obceca Baudelaire. Antes do sociólogo alemão, Balzac fala do “desencantamento do mundo”. Esta crise se choca com a unidade psíquica do sujeito que não reconhece mais a antiga paisagem das distinções sociais. Diferente dos “retrógrados”, Augusto Comte julga inepto despertar os velhos conteúdos da tradição, mas acredita essencial a salvaguarda de suas formas e funções. Se o Grande-Ser tece uma cadeia espiritual entre os mortos e os vivos, a teoria da imortalidade subjetiva consolida os laços de veneração dos vivos para com os desaparecidos em virtude de uma “santidade social”

virtualmente acessível a todos os seres humanos.

Ele retira do 15 de agosto a sua significação católica e pede que se institua a utopia da virgem-mãe. Versão positivista da Imaculada Conceição, sua festa pública simboliza a divinização da mulher e do Grande Ser “se fecundando sem nenhum auxílio estranho a sua própria constituição”. A igreja positivista do Brasil orquestra a primeira cerimônia dedicada a este mito de partenogênese em 15 de agosto de 1884, no Rio de Janeiro. Os gérmenes emanados das crenças absolutas encontram na religião relativa uma derivação de sincretismo supostamente de acordo com o estado moral da humanidade.

O destino e o pensamento do fundador do positivismo são marcados em profundidade pelo poder que a obra queria inicialmente conter. A verdade da doutrina enfeitiça o mundo que a lentidão das coisas humanas torna quase imóvel no seu fundamento finalmente revelado. Como nota Max Horkheimer: “O contentamento daquilo que é não nasce somente de uma vontade paralisada, mas do sentimento que depois disso nada acontecerá, ao menos nada que de nós dependa”.

Augusto Comte Gutenberg morreu em Paris, em 1969, aos 24, às seis horas da tarde. Atrás da bandeira verde positivista, Proudhon seguia o cortejo do enterro no cemitério de Père Lachaise em 8 de setembro de 1857. Musset, Vidocq, Eugène Sue e o cantor Bérenger morreram neste mesmo ano. Charles Baudelaire publica uma obra surpreendente. Michel Lévy edita por 800 francos e por cinco anos *Madame Bovary*. Entre o desejo de saber e a necessidade de crer se estendia então um terreno vago sobre o qual a nostalgia da inocência enganava a angústia por trás de uma máscara de futuro.

---

\* Patrick Tacussel é Docteur d'Etat e Professor da Universidade de Montpellier na França.

Este artigo foi traduzido pelos Professores Doutores Luiz Felipe Baéta Neves e João Maia.